

# Corpos marginais: notas etnográficas sobre páginas “de polícia” e páginas “de sociedade”\*

Miguel Vale de Almeida\*\*

## Resumo

Este artigo corresponde a um dossiê marginal da minha pesquisa sobre o movimento negro em Ilhéus, Bahia. (Ver *Um Mar da Cor da Terra: Raça, cultura e Política da Identidade*. Oeiras, Celta, 2000.) A partir de fotos e artigos das páginas de polícia e sociedade do principal jornal regional de Ilhéus e Itabuna, identificam-se representações da subalternidade com base em classificações raciais, de género, classe e sexualidade. Neste processo, o corpo e a sua exposição ao olhar do observador cumprem a função de reificadores das expectativas sociais.

**Palavras chave:** Corpo, Representação, Classificação, Classe, Raça, Género, Sexualidade, Mídia.

---

\* Recebido para publicação em novembro de 2000.

\*\* Investigador do Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, professor no ISCTE, Lisboa. mvalmeida@mail.telepac.pt

Corpos marginais

Marginal bodies:  
Ethnographic notes on “Police” and “Gossip” Pages

**Abstract**

This article is a marginal dossier of my research on the blacks' movement in Ilhéus, Bahia (see my book – *Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política de Identidade*. Oeiras, Celta, 2000). Photographs and articles from the “police” and “gossip” pages of the main regional newspaper of Ilhéus and Itabuna allow to identify representations of social inferiority based on race, gender, class and sexual classifications. In that process, the body and its exposure to the observer's eye play the role of elements that objectify social expectations.

**Key words:** Body, Representation, Classification, Class, Race, Gender, Sexuality, Media.



Figura 1: Foto da secção policial do jornal *A Região*

Durante o meu trabalho de campo em Ilhéus (Bahia) sobre o movimento afro-cultural local, tornei-me num ávido leitor dos jornais regionais. Mais do que fonte de informação, eu lia-os como veículos de representação. Desde logo, porque os seus suportes comunicativos – a palavra e a imagem – são a matéria mesma de discursos e de iconografia. Em segundo lugar, porque os géneros utilizados – a notícia ou o comentário jornalísticos, e a fotografia de reportagem – se adequam ao estudo dos discursos e representações intencionais e interventivos. Finalmente, porque a imprensa regional reflecte, de forma mais imediata e identificável, grupos de interesse na sociedade local, utilizando os media como forma de criar hegemonia.

Como o meu interesse de pesquisa versava as construções de “raça”, a mobilização política da ideia de cultura, e o suporte corporal que a ambas é atribuído (quer de forma excludente, quer emancipatória), a minha curiosidade levava-me a concentrar a leitura em dois tipos de secções do jornal *A Região*, o principal jornal regional, com edição simultânea em Ilhéus e Itabuna: refiro-me às páginas de “polícia” e, secundariamente, às páginas de “sociedade”. A razão é óbvia: é nestas páginas que o efeito de representação dos sujeitos enquanto indivíduos e tipos sociais é mais evidente. E tal é conseguido através da forma fotográfica do retrato: com a composição da imagem focando o rosto (o lugar

## Corpos marginais

por excelência da individualização) ou o corpo (o lugar por excelência da marcação de tipologias sociais), uma interpretação do social e dos seus conflitos é fornecida através da suposta evidência das imagens. O efeito de hegemonia é, assim, bastante mais inquestionável do que o discurso escrito, este mais facilmente sujeito a desmontagens hermenêuticas e críticas.

Por outro lado, os dois géneros – “sociedade” e “polícia” – complementam-se perversamente. Digo “perversamente”, porque nada indica a sua complementaridade. Esta é produto de uma visão do mundo que se constitui na própria organização da paginação e do produto-jornal. As páginas de sociedade celebram os sucessos individuais, os ritos de passagem significativos nas biografias individuais. As páginas de polícia marcam e estigmatizam certos tipos sociais supostamente propensos ao crime e à marginalidade, cujos actos são vigiados e punidos pelo aparelho repressivo do estado, como se de uma extensão actuante da moralidade pública se tratasse.

Por fim, uma observação de carácter reflexivo: no meu país de origem (Portugal), as páginas de sociedade e de polícia não têm lugar quer nos jornais regionais, quer nos jornais nacionais de grande circulação. São áreas cobertas por jornais e revistas especializados, quer no crime, quer no *jet-set* e, portanto, acessíveis apenas a quem tem apetência específica como consumidor desses produtos. Ultimamente, os processos de demagogização têm levado à “contaminação” de quase todos os media por esse tipo de produto, sobretudo a televisão. Mas, em geral, essas secções de jornal com que me confrontei no Brasil foram uma surpresa: exotizante, é certo, reificadora de estereótipos negativos sobre o “terceiro mundo”, também. Mas eu tentei vê-las como antropólogo, residindo em Ilhéus. As páginas de sociedade e polícia surgiam-me como uma espécie de canal directo para o imaginário da oposição de classes, para o racismo latente, para a reprodução do género, até para os fantasmas da sexualidade. E isto numa sociedade onde estas clivagens são contra-discursadas, pelo senso comum, como irrelevantes e

neutralizadas por uma cordialidade que recusaria a hierarquia e a desigualdade.

As imagens que se seguem foram reproduzidas do referido jornal, bem como a transcrição das notícias respectivas. Apresento-as como se de fichas etnográficas se tratasse (e trata-se, de facto). Procurei ocultar os nomes das pessoas que possam estar transitando em julgado. Finalmente, este é um “texto” marginal à minha pesquisa de fundo<sup>1</sup>, um *dossier* esquecido que partilho com os leitores, e uma “dica” para pesquisas e aprofundamentos por parte de outros. Por isso é um texto sem referências bibliográficas, à velha maneira dos “subsídios para o estudo de...”.

#### A secção de polícia



Figura 2: Jornal *A Região* (8.9.97)

LULA CABELEIREIRO ASSASSINADO A TIROS. Fato ocorrido na tarde da última quinta-feira 14. L., Lula Cabeleireiro, 36 anos, solteiro, que residia à rua S. Sebastião, onde mantinha o seu salão de beleza, foi assassinado com mais de 15 tiros, que atingiram o tórax, o abdómen, costas e cabeça. O crime ocorreu nas proximidades do Sítio do Menor Trabalhador do bairro St<sup>a</sup> Inês. Ninguém conseguiu ver quantos eram os criminosos, que possivelmente fugiram se embrenhando em roças de cacau. Lula já foi preso em Itabuna e cidades circunvizinhas mais de 30 vezes, por uso e tráfico de drogas, roubo de carros, tentativas de homicídio

---

<sup>1</sup> Ver VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Um Mar da Cor da Terra: “Raça”, Cultura e Política da Identidade*. Oeiras, Celta, 2000

## Corpos marginais

e outros delitos. Lula também costumava “arrumar” meninas de programa para conhecidas pessoas da sociedade. Para tanto o cabeleireiro andava com um álbum com algumas dessas mulheres nuas para que os “clientes” escolhessem a seu gosto. Ultimamente, Lula alegava que não mais era homossexual, se dizendo regenerado e pertencente a uma igreja cristã. Porém, continuava fazendo investigações e denunciando traficantes de drogas, que são os principais suspeitos de sua morte.



Figura 3: Jornal *A Região* (8.7.97)

MECÂNICO APARECE MORTO NO RIO CACHOEIRA já em adiantado estado de putrefação. O corpo do mecânico x, casado, 44 anos, Rua Belo Horizonte, 230, Mangabinha, desaparecido desde o domingo 31, foi encontrado por populares no início da noite de terça-feira, sendo o fato comunicado à delegada x, titular da 1ª CP, que efetuou o levantamento cadavérico e remeteu o corpo para o DPT, onde foi necropsiado pelo médico x, sendo liberado em seguida para sepultamento. Segundo parentes da vítima, ele teria assistido a um jogo pela TV e por volta das 10 horas da noite pediu a um rapaz da jangada que o conduzisse para o outro lado do rio Cachoeira. Recebendo uma resposta negativa, pediu um short emprestado a um amigo e atravessou a nado até o outro lado, saindo nos fundos das casas do núcleo habitacional da Ceplac. Foi visto subindo o barranco, porém não se sabe se caiu batendo a cabeça contra uma pedra, morrendo afogado, ou mesmo se alguém o atingiu, atirando seu corpo nas águas. “Os filhos dele moravam nas casas da Ceplac, e ele tinha o

hábito de chingar viciados que costumavam usar drogas no local. Suspeita-se que um desses marginais o tenha assassinado, ou então ele caiu batendo a cabeça”, disse um dos irmãos da vítima ao *A Região*.



Figura 4: Jornal *A Região* (22.9.97)

PROSTITUIÇÃO INFANTIL CONTINUA SENDO COMBATIDA. Vem (sic) sendo intensificadas as diligências sob o comando da delegada x no combate à prostituição infantil, principalmente em postos de gasolina situados às margens das BRs 101 e 415. Um dos depoimentos que mais chocaram a imprensa foi da menor V.S.S., 15 anos, cujos pais têm casas de aluguel no Arraial d’Ajuda e até uma pequena fazenda em Porto Seguro. “Meus pais me dão tudo, mas eu é que não gosto dessa vida de estudar, ficar presa dentro de casa sem poder curtir. Faço programas desde os 13 anos e procuro sempre transar com turistas; os alemães são os melhores, eles me pagam geralmente 100 ou 200 dólares numa noite; já os brasileiros são quebrados, eu cobro 20 reais, e tem noite que transo até com quatro. É por isso que prefiro os gringos”. Ela conta também que, a depender do gosto do cliente, faz todos os tipos de sexo que se possa imaginar: “Se a grana for boa faço de tudo, às vezes com camisinha e às vezes sem; geralmente quando o cara é maluco e a gente usa algum tipo de droga, aí vai de qualquer jeito.

## Corpos marginais



Figura 5: Jornal *A Região* (15.9.97)

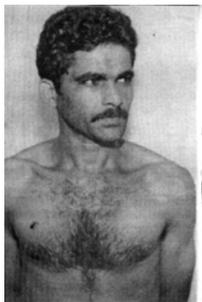
JOVEM ASSASSINADO NA VOLTA DA COBRA a pauladas e pedradas pode ter sido vítima de latrocínio. Compareceu no Departamento de Polícia Técnica na tarde da última terça-feira, 09, a doméstica x que fez o reconhecimento de um corpo que fora encontrado na tarde de domingo, próximo à fazenda Itadil, situada na Volta da Cobra. Segundo a doméstica, trata-se do seu sobrinho x, 25 anos, solteiro, que residia na Rua da Bananeira, e que na noite de sexta-feira teria saído de casa com cerca de 300 reais, alegando que iria comprar um barraco para ele, sendo que não mais retornou. Através de programas de rádios é que a doméstica resolveu ir ao DPT, onde fez o reconhecimento do corpo do sobrinho. A partir daí a delegada x, da Crimes contra o Patrimônio, designou deligências no sentido de conseguir pistas que levem até os autores do provável latrocínio. Outro fato que a polícia investiga é que x tivesse rixa com alguns marginais, já que o mesmo contava com passagens por delegacias do Complexo Policial.



Figura 6: Jornal *A Região* (8.9.97)

ESFAQUEOU A RIVAL NO PESCOÇO POR CIÚMES e poderá ter sua prisão preventiva decretada. Ciúmes foi o que levou a doméstica x, solteira, 36 anos, Rua Teixeira, 120, Maria Pinheiro, a tentar matar com duas facadas no pescoço, na manhã do domingo 31, na Feira de São Caetano, a sua vizinha y. X contou ao *A Região* que na sexta feira a vítima, com o marido, foi até sua casa e agrediu ela e o amante. No sábado encontrou os três conversando e soube que y tinha um caso como seu homem; daí, revoltada, procurou averiguar e no domingo, ao chegar na feira, encontrou seu amante bebendo e conversando alegremente com y; aí partiu pra (sic) cima da mesma e lhe desferiu duas facadas no pescoço, fugindo em seguida. Horas depois foi presa por policiais militares, que fizeram sua condução ao Complexo Policial onde continua detida. Y foi socorrida pelos policiais e conduzida ao Hospital Calixto Midlej Filho, onde foi medicada e ficou internada sob observação médica, sendo liberada dois dias após. “Eu apanho dela e do xodó, depois descubro que meu xodó, que apanhou também, tem um caso com ela, daí perdi a cabeça e fui pra matar mesmo a safada”, disse x atrás das grades.

## Corpos marginais



'KEKEU', arrombador perigoso.

Figura 7: Jornal *A Região* (21.9.97)

NEM IGREJA ESCAPOU DA AÇÃO DE KEKEU – um dos maiores arrombadores de Itabuna. X, Kekeu, solteiro, 28 anos, Rua José Bonifácio, 180, São Caetano, foi preso pelos agentes a, b, c e d, que fizeram sua condução ao complexo Policial onde está preso na correccional. Ano passado (sic) o marginal foi preso e confessou mais de 50 arrombamentos no centro da cidade, principalmente em estabelecimentos comerciais e edifícios, sendo que muitos produtos dos roubos foram recuperados e devolvidos às vítimas, e desta vez não deverá ser diferente. Kekeu disse que roubou cadeiras, botijões e outros objetos de uma igreja no Banco Raso, e várias calhas e lâmpadas fluorescentes de residências em vários pontos da cidade. “Eu agora não estou arrombando mais não, tô roubando essas besteiras quando acho fácil, o melhor é me mandarem para a detenção, pois minha família não me dá apoio, daí fico revoltado e roubo mesmo”, disse ao *A Região*. Os agentes que já conhecem a periculosidade de Kekeu acreditam que ele esteja escondendo o jogo, e tenha voltado a agir como das outras vezes, e esperam com sua prisão esclarecer vários arrombamentos e roubos ocorridos nos últimos meses.



Figura 8: Jornal *A Região* (8.9.97)

VICIADOS ESTAVAM COM VÁRIOS CHEQUES E CARTÕES ROUBADOS de comerciante itabunense, tentando aplicar golpes. Os policiais civis a, b, c e d efetuaram na manhã da última quarta-feira, 03, a prisão de x, solteiro, 19, Travessa Olívia Tóres, 89, e y, 18 anos, Rua Potomiano, 318, São Caetano. Com a dupla os policiais encontraram todos os documentos e cartões de crédito pertencentes ao comerciante z, proprietário da Livraria Havay, morador no Jardim Primavera. Também foram recuperados cheques de clientes da vítima que somados dão um valor de 50 mil reais. A dupla, em companhia de outros dois que estão sendo procurados, tentaram sacar dinheiro da vítima com um dos cartões em Ilhéus, e daí em diante as investigações começaram até resultar na prisão. “Eu achei a carteira com tudo isso próximo à Usemi, e pretendia devolver, porém alguns cheques vendi a z, um açougueiro do São Caetano e o dinheiro no cartão não deu pra sacar, pois engachou na máquina mas juro que ia devolver o resto para o dono”, disse x. Já y, que é filho de z, alega que no dia em que o comparsa achou ou roubou a carteira ele estava preso por uso de maconha. “A única coisa que fiz de errado foi ir ter com ele até Ilhéus, mas nem na porta do banco cheguei. Eu já dou azar de ser de uma família complicada (três irmãos são procurados por homicídios e assaltos), porém quero estudar e ser alguém na vida”.

## Corpos marginais



Figura 9: Jornal *A Região* (13.10.97)

TRAVESTI AIDÉTICO É ASSASSINADO NO PATY com um tiro na boca. X, “Patrícia Pilar”, solteiro, 32 anos, Rua São Bento, 200, que constava com várias passagens por delegacias por uso de drogas, tentativas de homicídio e desordens, e segundo informações era portador do vírus da AIDS, foi morto na madrugada da última segunda-feira, 06, tendo sido atingido por um disparo de revólver calibre 38. O criminoso fugiu, tomando rumo ignorado, e até o momento nenhuma testemunha apareceu para depor no inquérito policial instaurado pela delegada y (...) O travesti era bastante conhecido em Itabuna, já tendo trabalhado em várias casas de família como “cozinheira e também arrumadeira”, como ele próprio se referia. Há cerca de 5 anos, Patrícia começou a se envolver com bandidos, a exemplo de Zé Humbigo, assaltante já morto, que após terminar o romance com Patrícia lhe deu um tiro de escopeta, deixando a mesma aleijada de um dos braços e com um pulmão a menos. Outro namorado (...) lhe deu várias facadas (...). “Ainda morro nas mãos desses bandidos, mas gosto deles, o que é que posso fazer?”, dizia sempre o travesti quando era agredido ou mesmo preso por algum delito. A polícia investiga duas pistas (...) Uma delas é que há alguns dias ele teria agredido uma jovem com tapas por motivo de ciúmes e que o namorado da mesma

tinha vingado o tapa (...). A segunda hipótese é que o travesti estaria espalhando o vírus da AIDS, e algum dos seus amantes, ao descobrir, o matou...



Figura 10: Jornal *A Região* (18.8.97)

MENORES FAZEM “TERESA” E FOGEM da correccional da casa de Detenção. G.A.F.B.G.J., o Lampião, 14 anos, residente na Travessa Monte Alto, Fátima, R.B.S., Renato, 16 anos, morador na Rua São Pedro, Fátima, em companhia de outros dois menores, G. E S., conseguiram fazer uma “teresa”, corda feita com lençóis, e após escalam o muro, fugiram (...). Lampião e Renato foram capturados no Jardim Primavera e recolhidos de novo às celas, enquanto G., três dias após se apresentava em companhia dos pais, e S. Continua foragido. Todos os quatro já contam com várias passagens pela Correccional por prática de arrombamentos, descuidos, lances, uso de drogas e até tentativas de homicídio em vários bairros da cidade. A delegada M.M., que responde pelos menores que são detidos, já comunicou o fato ao juiz de menores, Carlos Geraldo Rodrigues, que deverá adoptar providências com relação aos menores delinquentes nos próximos dias.

## Corpos marginais



Figura 11: Jornal “A Região” (8.9.97)

CÂMARA APROVOU MOÇÃO DE SOLIDARIEDADE À IMPRENSA de autoria do vereador Rodolfo Macedo (PT) à Associação Baiana de Imprensa (ABI) e ao Sindicato de Jornalistas da Bahia (Sdinjorba), manifestando apoio pela apuração dos fatos na morte do soldado José Lima dos Santos, ocorrida em Março deste ano. No documento aprovado pela Câmara Municipal de Ilhéus consta que “o direito de liberdade de expressão, garantido a todos constitucionalmente, faz solidarizarmos (sic) com o Sinjorba e a ABI que (...) não se curvaram em apoiar profissionais de imprensa quando da apuração desse caso”. Rodolfo Macedo fez questão de colocar que a imprensa regional cumpriu mais uma vez o seu papel na tarefa de relatar, com coragem, os fatos. Mesmo colocando exatamente o que foi relatado pela família da vítima, alguns profissionais de imprensa que tiveram a coragem de tornar público a morte do soldado José Lima foram perseguidos e processados, causando a indignação de muitos segmentos da sociedade organizada. O que os profissionais colocaram foi a estranheza do suicídio, solicitando a apuração dos fatos.

### Que fazer com estas imagens?

Creio não ser abusivo sugerir que dois efeitos são suscitados pela recorrência destas imagens no jornal e pela sua remissão a uma secção específica: a definição da criminalidade como um vasto (mas delimitado) campo de acção social ilegítima que inclui o crime no sentido estrito, mas também a ilicitude e os comportamentos desviantes em relação à norma; a definição de categorias sociais tidas como propensas a esses actos e definidas segundo linhas de classe, “raça”, género e sexualidade. O leitor do jornal é confrontado com um mundo obscuro que necessita ser resgatado pelo olhar e a investigação do jornalista (com o apoio do polícia); e o seu acesso a esse mundo é feito através das imagens dos corpos de prevaricadores e vítimas, de certo modo co-habitantes desse mundo à margem. A análise destas imagens (e textos) necessitaria não só de uma amostragem maior, mas também de uma metodologia de análise textual e iconográfica. Proponho, aqui, apenas algumas pistas:

- A recorrência de “personagens” mais “escuros” na escala cromática do sistema de classificações fenotípicas prevalecente: um facto que tem correspondência sociográfica mas que, no acto da representação gráfica e da enunciação, reforça o referido sistema.

- A importância da semi-nudez, que remete os “personagens” para uma zona marginal das regras de civilidade. Ainda que os códigos de vestuário na Bahia dêem margem para substancial exposição do corpo despido, a civilidade burguesa só aceita a semi-nudez em contextos de lazer ou de expressão da masculinidade.

- A hiper-masculinidade dos personagens masculinos é não só reforçada pela semi-nudez, como são reproduzidas as expectativas de género em relação ao mundo da marginalidade. Os crimes de homens cobrem todo o leque de comportamentos

## Corpos marginais

ilícitos; os das mulheres (e do travesti) são marcados pelas emoções amorosas ou pela prostituição.

- O vestuário, a semi-nudez, o desalinho, surgem como marcadores simbólicos da pertença dos “personagens” a classes sociais desfavorecidas.

- Embora o retrato – o rosto como representação da individualidade – seja um género recorrente, este é feito em momentos de tristeza e perplexidade (a prisão, a fotografia policial etc), o que tem por efeito diminuir o reconhecimento dessa mesma individualidade enquanto equivalente de “dignidade”.

- Este efeito é reforçado por fotografias de pessoas atrás das grades, algemadas ou mesmo com os olhos cobertos por uma faixa negra (estratégia usada para proteger a identidade de menores, paradoxalmente reforçando a questão da idade como central no imaginário do crime – algo de tão “genético” que começa logo na infância).

- Na medida do possível as vítimas mortais (muitas vezes elas mesmas criminosas) são retratadas na mesa de autópsia. Nos casos de vítimas com prestígio social, são retratadas no caixão.

- Quanto aos textos das notícias, a sua principal particularidade é serem baseados nos comunicados da própria polícia. Preocupam-se em identificar aspectos da vida dos criminosos, como o estado civil, a idade e a residência, cujo principal efeito é transmitir a ideia securizante de que o estado controla os prevaricadores, uma ideia reforçada pela inclusão dos policiais como personagens da narrativa.

- Por outro lado, a narrativa do crime reforça a imagem da barbaridade dos crimes ou a desadequação entre os papéis sociais dos criminosos e a natureza do crime. Esta desadequação é particularmente clara nos casos de travestis ou homossexuais.

- Se o processo de individuação do criminoso e da sua história é evidente, mais subtil é a forma como esse mesmo processo ajuda a construir tipologias marginais colectivas: pessoas das classes baixas, pessoas escuras, pessoas desadequadas aos papéis normativos de género e sexualidade.

• Notícia e foto juntam-se numa narrativa que é também um discurso. Jogando com o aliciante “*voyeurístico*”, trata-se de uma narrativa das vidas obscuras dos subalternos, baseada na estética de corpos mutilados, trespassados, ensanguentados, doentes, contaminadores, irreverentes. O discurso policial-jornalístico fornece, também, esta marginalidade como negativo “fotográfico” (fixado por uma foto-grafia, isto é, uma descrição sistemática através da imagem visual e da imagem textual, mas que não mostra as regras do seu sistema) da “centralidade” da norma (supostamente vivida pelo leitor).

#### Contraponto: a secção de sociedade



As figuras 12 e 13, (Jornal *A Região*, 17.11.97, fotos de Nilsinho Ramos e Betânia Macedo) cumprem, neste texto, a função de propiciarem um contraponto. Talvez não seja por acaso que a secção “Sociedade” surge no verso da página “Policia”. Em fotos autoradas com o nome do fotógrafo (ao contrário das da outra secção), os textos narram o seguinte. Figura 11:

## Corpos marginais

Fernandão, cinquentão. Em sua bonita casa piscinada do bairro Castália, o casal Zelma – num longuinho preto chic – e Fernando Pereira comemorou em grande estilo os 50 anos que chegaram para ele. Decoração bonita à base de antúrios gigantes brancos, serviço impecável. Bem mais tarde foi servido o jantar que teve como *pièce-de-resistance* um delicioso bacalhau. Som harmonioso de Juliane Ramos, órgão e voz. Presença de familiares e muitos e muitos amigos. No domingo, a comemoração prosseguiu em tempo de almoço, com banho de piscina e churrasco de carneiro.

A Figura 12 narra o seguinte:

O jovem casal de médicos Jeanne e Ricardo Rosas recebeu *au grand complet*, em sua bonita casa de praia, em tempo de almoço, para juntos aos amigos festejar o aniversário dele.

A secção de sociedade narra e mostra um mundo de privilégio ou de pretensão a ele. Os eventos relatados são, sobretudo, situações festivas, ligadas a ritos de passagem, a cerimónias de consolidação do espírito de família e, por vezes, a celebrações do sucesso empresarial, artístico e mesmo político. Os corpos representados nas fotografias são a antítese dos da secção policial: maioritariamente brancos, envergando boas roupas (ou exibindo a semi-nudez, mas em situações de lazer), *performando* adequações felizes dos papéis de género (os casais, por exemplo), exibindo sinais de classe. Os rostos surgem, aqui, sorridentes, felizes, e os textos devem sempre referir os nomes, a profissão, os sucessos, bem como os pormenores dos prazeres facultados aos convivas: piscinas, comida, bebida, entretenimento. Prazeres de que o repórter comungou.

Este ensaio (no sentido estrito da palavra) baseado num *dossier* marginal das notas de campo, pretendeu chamar a atenção para um elemento muitas vezes descuidado nas

Miguel Vale de Almeida

etnografias preocupadas com o poder: o papel jogado pelas representações do corpo (através da fotografia de grande circulação e da notícia jornalística que a acompanha) na reprodução da visão hegemónica sobre os grandes níveis de identidade social propiciadores de desigualdades: a classe, a “raça”, o género e a sexualidade e, também, a idade.

*Post-scriptum*

Algures durante o trabalho de campo, o director do jornal *A Região* seria assassinado. Nunca ficaram claros os contornos do crime, que envolvia questões de política local. O jornal fez correr rios de tinta sobre o facto, a impunidade dos criminosos, a necessidade de uma acção policial mais eficaz. Não hesitou em invocar todas as metáforas retiradas da obra de Jorge Amado e sua descrição dos tempos do coronelismo do cacau. Subitamente, a secção policial havia penetrado a secção de sociedade.